

A Subjetividade é Construída na Intersubjetividade

***Alicia Beatriz
Dorado de Lisondo***

Membro Efetivo da Sociedade
Brasileira de Psicanálise de São
Paulo; Analista de Crianças e
Adolescentes.

“Pois ouve bem: és o assassino
que procuras. [...] Apenas quero
declarar que, sem saber, manténs
as relações mais torpes e sacríle-
gas com a criatura que devias ve-
nerar, alheio à sordidez de tua
própria vida!”

Tirésias

O Complexo Edípico

Freud se depara com esse con-
ceito em sua auto-análise, em 1897,
que vai percorrer toda a sua obra,
principalmente a partir da clínica da
histeria. Para ele, o mito edípico é o
paradigma dos desejos inconscien-
tes sobre o incesto e o parricídio ex-
perimentados por todos os homens
com respeito a seus pais. É esse “o

complexo nuclear das neuroses” do ponto de vista estrutural e etiológico: ele é fundante da humanidade (FREUD, 1912, 1913) e constituinte da subjetividade.

A configuração do complexo de Édipo *direto* ou *positivo* é tal como se apresenta no mito do “Édipo Rei”. Na sua forma *negativa*, apresenta-se *inversamente*: o objeto da pulsão é o progenitor do mesmo sexo. Essas duas formas estão presentes numa relação dialética, na forma *completa* do complexo de Édipo, provocando a dupla identificação feminina e masculina. Cada sujeito apresentará a qualidade singular de seu complexo na mistura peculiar de suas formas. Freud percebe os componentes homo e heterossexuais na ambivalência do menino em relação ao pai. Esse complexo designa o lugar da criança no triângulo. A bissexualidade faz jus às disposições sexuais constitucionais masculinas e femininas. Esse conceito às vezes tem sido um refúgio para as dificuldades na compreensão “lacunar”, “pouco acessível” do “enigmático continente negro” feminino, cuja essência é melhor alcançada pelos poetas, segundo Freud. Para Guignard (1999), é o “espaço do feminino primário” o lugar da constituição da bissexualidade psíquica.

A tese de Freud sobre o falo como único órgão para ambos os sexos na organização genital infantil da libido o levou a compreender a feminilidade como passiva a partir do modelo masculino ativo. Talvez seja essa a questão que mais debate tenha suscitado, não por acaso, entre as mulheres psicanalistas (Karen Horney, Helène Deutsch, Melaine Klein, Janine Chasseguet-Smirgel, Joyce McDougall, Danièle Brun, Jacqueline Lanouzeière, Annie Anzieu).

A menina precisa vencer um duplo obstáculo para ascender à posição feminina: ela deve renunciar a uma primeira zona genital erógena, o clitóris, e passar à excitabilidade vaginal. Também se exige da menina o esforço da mudança do objeto primário pré-edípico – a mãe – para o pai. A decepção fálica das meninas, ao descobrirem a falta do pênis, é a fonte de ódio e das recriminações contra a mãe.

A eleição do objeto de amor após a puberdade tem a história alicerçada

nas identificações do complexo edípico que permite a sua resolução. Para o mestre, o complexo sucumbe diante do recalque e o tempo da latência o sucede. O Édipo deixa de existir por causa das decepções dolorosas. Em segundo lugar, a implacável ordem biológica contribui com a contemporânea queda dos dentes de leite. As concepções onto e filogenética se cruzam, complementando-se. O complexo de castração é o responsável por esse desaparecimento. As fantasias do complexo de castração – denegação da diferença sexual – e da sedução da cena primária – denegação da diferença geracional – são um terrível golpe narcísico para a criança excluída da relação sexual e genital dos pais. Aqui jaz a constituição das fantasias originárias. A cena primitiva, temida e desejada provoca o desejo de seu desaparecimento, ou da separação dos pais, tanto na menina quanto no menino. Essa separação permite a re-apropriação da mãe. Nas fantasias originárias, Freud percebe esquemas filogenéticos ordenadores da experiência individual.

No menino, a ameaça de castração pelo pai é decisiva para o abandono do objeto incestuoso. Na menina, é o complexo de castração que abre as portas para o complexo de Édipo. Ela renuncia ao pênis na esperança de receber do pai e oferecer-lhe como presente um bebê-filho-pênis. A destruição do complexo é fruto do fracasso na realização dos desejos; a evidência dolorosa da impotência é a renúncia humilhante para o narcisismo.

O acesso simbólico à genitalidade vai muito além da maturidade biológica. O superego é o legítimo herdeiro do complexo edípico. O marco do complexo se situa no apogeu da fase fálica do desenvolvimento libidinal. Sua declinação marca a passagem à latência. Renasce na puberdade e se “supera” com as vicissitudes da eleição de objeto.

Lacan reformula o édipo freudiano. Desejo e lei caminham juntos. A precedência do pai – na fase pré-histórica do complexo de Édipo – serve de sustentação à fundamentação teórica, elevando essa primeira identificação imaginária ao estatuto simbólico através do *Nome do Pai*. O pai é visto pelo filho como um modelo ideal. É a primeira identificação exemplar com um ideal de ego, por isso o superego tem origens paternas.

O primeiro tempo do complexo de Édipo lacaniano se caracteriza por uma relação dual, imediata, especular, narcísica e imaginária, porque a criança se identifica com seu duplo, sem distância alguma. O filho é o falo para a mãe. O falo no fenômeno edipiano significa a metáfora paterna. Ela é o mistério fundamental além da materialidade do sexo real biológico, o pênis. A criança, além do contato e cuidados maternos, deseja ser tudo para a mãe. Ser o falo é ser o complemento da carência materna. Isso pode se transformar em alienação servil, fonte de perversão e promiscuidade, sem acesso à subjetividade, se a criança se escraviza à sua mãe. Ela é o desejo do desejo da mãe, identifica-se passivamente com o objeto deste desejo: o falo concreto. Nesse primeiro estágio da fase do espelho, a criança reage à imagem como se ela fosse uma realidade, ou a realidade de um semelhante com quem se confunde e se identifica. Num segundo momento, a criança cessa de tratar essa imagem como objeto real. Numa terceira etapa do estágio do espelho – primeiro tempo do Édipo –, a criança percebe e se identifica com a Gestalt visual do próprio corpo. É um processo de identificação primária. Aqui jaz a origem de todas as outras identificações e a dialética das identificações alienadas. A fase do espelho constitui o advento da subjetividade cinestésica, precedida pelo corpo fragmentado.

Num segundo tempo transitório e de capital importância, o pai inter-vém como aquele que proíbe a fusão mãe-filho e assinala ao bebê sua carência fundamental. A criatura humana precisa renunciar à sua onipotência e aceitar a Lei do pai como limitação. Barreira que se instaura em mão dupla: priva a criança do objeto de seu desejo e priva a mãe do objeto fálico. A Lei paterna é o portal da ordem simbólica que proíbe a continuidade inaugural incestuosa e instaura o sacrifício. Este sacrifício se realiza no Édipo pela castração simbólica e pela morte do pai.

No terceiro tempo, a criança se identifica secundariamente com a Lei do pai, seu modelo possuidor do falo. Inicia-se o declínio do Complexo de Édipo pela via do ter e não do ser. O pai castra a criança como falo e a separa de sua mãe, instaurando a ordem simbólica e a entrada na cultura. O filho renuncia a ser o falo Todo-Poderoso. Reconhece a castração materna

que o leva a identificar-se com o pai. Ele transita até o desejo de ter seu desejo. O Nome do Pai é um símbolo, uma metáfora que lhe permite nomear seu desejo. O Nome e o Lugar subjetivo na tríade familiar são as conquistas. Lugar que permite a discriminação de quem é quem.

Para que o pai seja reconhecido como representante da lei, sua palavra precisa ser reconhecida pela mãe. Só a palavra outorga ao pai uma função privilegiada. Nem a realidade do coito, a participação na gestação ou a vivência real colocam o pai no pedestal simbólico do “Nome do Pai”. A mãe precisa reconhecer o pai como o autor da lei. Só assim a palavra paterna terá o estatuto de lei.

O complexo de Édipo permite uma reorganização identificatória do sujeito e uma identificação secundária pela introjeção da imagem do progenitor do mesmo sexo. O complexo edípico é o drama inconsciente do homem na constituição da própria subjetividade.

A importância do pai no *rêverie* materno, assinalada por Bion (1975) e enfatizada por Caper (1997), permite sob esse vértice articular a teoria de Bion e de Lacan sobre a presença estruturante da função paterna em relação dialética com a função materna.

A Situação Edípica

Melanie Klein reformula a teoria de Freud do complexo edípico ao remontar a sua origem à pré-germinalidade. Ela se inspira no princípio de continuidade genética entre as fantasias dos objetos-partes nas etapas iniciais do complexo de Édipo e na etapa genital posterior. A criança não tem desenvolvido o princípio de realidade. O mundo gira em torno das fantasias que a demanda da necessidade constrói. As primeiras fantasias se referem a objeto-partes. Para Klein, de um lado o falo, do outro o seio, ambos igualmente onipotentes, são portadores de potencial de significância quase absolutos.

Ela adotou o termo “situação edípica” incluindo a cena originária, isto é, as relações sexuais dos pais, tanto percebidas como imaginadas. As fantasias pré-germinais, orais e anais levaram a conceitualizar a origem pri-

meira da situação edípica. Ela não aceitava a teoria de Freud do superego como o “herdeiro do complexo de Édipo”. Também a teoria sobre feminilidade é reformulada. Ela insiste na interioridade do corpo da mãe; a raiz da orientação feminina é desde o interior, onde jaz a fonte de criatividade. O ventre materno, no desfiladeiro do significante, é invejado pelos preciosos conteúdos: bebês; pênis comidos, devorados num coito oral; fezes, urina. O conceito de feminilidade como fonte sublime de mistérios na identidade de gênero é uma conquista do vir a ser um sujeito.

O pai é imaginado no interior da mãe, ele limita o acesso a ela pela sua presença. Esses conceitos evoluem em Bion com a teoria de continente-conteúdo.

Enquanto Freud encontra a criança no adulto com a descoberta da psicosssexualidade, Klein encontra o bebê na criança e no adulto. Assim, por exemplo, o menino expressará o ódio ao pai como rival ante a fantasia da cena primária, ante a procriação, ante a barreira que ele coloca às fantasias incestuosas com a mãe, com a potencialização da agressividade das fixações oral-sádicas e anal-sádicas. A fantasia de matar o pai se abre no leque da pré-genitalidade. O pênis, na fantasia, poderá ser então arrancado, mordido, sujado, chupado, comido, cuspidado, picado, queimado, cortado etc., nesse mundo primitivo, “perverso polimorfo”, que aparece na baixaza da cloaca humana. A angústia paranóica e o remorso acompanham essas fantasias.

A psicanálise de crianças permite a Klein observar as vicissitudes do processo identificatório do pequeno paciente com o brinquedo dentro da sala de análise, assim como as identificações com os pais, as fantasias em torno da cena primária e da figura parental combinada. Essa é uma fantasia persecutória, primeira e primitiva da situação edípica: os pais, fundidos numa temida relação sexual permanente, a mãe com o pai dentro. A fúria e raiva levam ao *infans* a atribuir a esse comércio sexual tanta violência como a própria contra eles. Tanto os pais se destroem mutuamente, quanto esta figura fantasmagórica se volta contra a criança. Não há espaço algum

para poder ser. Ela garimpa assim as etapas primeiras do complexo de Édipo.

A “posição depressiva”, etapa que permite a integração e o reconhecimento da realidade interna e externa, e os sentimentos ambivalentes caminham juntos nesse complexo. Os objetos-partes “bons” e “maus” se reúnem nos objetos totais.

O conflito entre o complexo de Édipo positivo e o complexo de Édipo negativo é um conflito necessário, inevitável e inerente à natureza pulsional. Cada objeto pode ser, por momentos, bom ou mau. Há um movimento de oscilação entre as imagens primárias, com estreita interação entre as primeiras etapas dos complexos edípicos invertido e positivo.

O pensamento kleiniano nutriu com seus seguidores o terreno inicial. Em destaque encontra-se Britton (1992), que coloca a manifestação da situação edipiana como o reconhecimento por parte da criança da relação parental primitiva e parcial.

Feldman (1992) revela como a experiência do paciente com as figuras de sua infância permanece viva e influencia suas relações atuais, incluindo o modo como o paciente relaciona-se e usa o analista. Os aspectos primitivos da situação edipiana derivam de um período inicial da experiência do paciente e não foram representados na sua mente por palavras, mas por conluios ou evasões incômodas.

Para ele, a fantasia do casal edipiano está intimamente relacionada com o modo pelo qual o paciente consegue usar a sua mente para criar elos entre os seus pensamentos e sentimentos e tolerar as ansiedades resultantes dessas ligações. O complexo de Édipo vivenciado de forma “saudável” é um modelo interno prototípico de relações sexuais criativas. Já a fantasia de que qualquer ligação forma um casal bizarro e/ou destrutivo parece resultar em formas de pensamento danificadas, perversas ou inibidas. Se há uma relação entre a qualidade do pensamento do paciente e a natureza do casal edipiano representado, é porque, como lembra Hanna Segal (1992), a ligação entre os pais é o primeiro modelo de ligação amorosa, e pensar é estabelecer relações.

O'Shaugnessy (1992) descreve uma cisão de uma qualidade peculiar: “fratura” do casal parental que ataca as qualidades heterossexuais procriadoras. O casal é dividido ou fraturado em duas metades sexuais: um falo sádico e uma figura feminina masoquista, enfraquecida, ambos percebidos em fantasia como prontos para alianças homossexuais de um contra o outro. Para esse autor, se o encontro com o relacionamento parental acontece num momento em que o indivíduo não estabeleceu um objeto materno com base segura, a situação edipiana aparece em forma primitiva. Nos distúrbios menos graves se evita a renúncia final aos objetos edipianos. A ilusão edipiana implica o registro e a posterior negação defensiva do relacionamento parental. O fechamento do triângulo pelo reconhecimento da ligação que une os pais cria uma fronteira que delimita o mundo interno. A relação parental benigna influencia o desenvolvimento de um espaço fora do *self*, capaz de ser observado e pensado, base da crença num mundo seguro e estável.

O psicanalista do pensamento (BION, 1977) propõe mudar o foco da interpretação do Édipo de Sófocles. A esfinge é centrada por cultivar enigmas e destruir-se a si mesma com sua resolução. O cego Tirésias possui o conhecimento da sabedoria e deplora a resolução de Édipo de querer tomar posse desse conhecimento. O oráculo provoca a indagação que o profeta deplora. É Édipo que fica cego e se exila. Pela interpretação bioniana, nas ruínas da psique do herói é possível encontrar na tríade observável (BIANCHEDI et al., 1999): a curiosidade, a arrogância e estupidez – a revelação de uma estruturação psicótica, evidência da catástrofe psíquica primitiva do herói. O mito é interpretado como uma questão não só sexual, mas como um problema do conhecimento. O crime sexual é um elemento periférico. O crime fundamental é a arrogância de Édipo ao querer descobrir a verdade a qualquer preço.

A situação edípica faz parte da realidade odiada. Por ter o ego como uma das funções primordiais o contato com a realidade, essa instância é alvo de reiterados ataques destrutivos. A psicanálise é também atacada e odiada porque a indagação da verdade é sua meta implícita, distanciando-

se sideralmente da pretensão arrogante voraz e invejosa de posseção de conhecimento a qualquer custo.

Bion (1966) representa o aparelho para o pensamento com os símbolos do feminino e do masculino, continente e conteúdo. Guignard (1999) completa que o autor faz nascer o conhecimento humano da relação genital entre o homem e a mulher. É o *rêverie* materno, o contato psíquico da mente da mulher adulta com a mente rudimentária do bebê, que gesta o pensamento humano. O pré-consciente materno gera a palavra significativa e a função pensante é introjetada.

O mito edípico está enraizado como uma pré-concepção inata da mente humana, mente essa estendida no espaço, no tempo e também no corpo.

A Configuração Edípica

Esta permite abordar a lógica narcisista e a lógica edípica do filho e dos objetos edípicos numa história passada como precursora e que gesta uma configuração futura nos herdeiros. Édipo oferece um destino letal à sua prole.

Faimberg (1996) coloca que o “complexo de Édipo” no mito é, então, um aspecto parcial, a ponta do *iceberg* de uma configuração mais ampla que inclui a constelação filial e a relação sincrônica entre as gerações. Para Freud, a extinção – ilusória – do complexo implica o total desprendimento mental dos pais. No mito, revela-se pela paz no reino de Hades. A configuração edípica abarca a relação do filho com os pais, o complexo edípico, mas também dos pais com o filho na gênese do mesmo complexo, que alinhava o fio diacrônico. A interpretação vai além das pulsões e se entrelaça à neurose de destino de pais e filhos num sistema de relações. O tema da tragédia é a descoberta por Édipo de seu destino cumprido. Há uma relação dialética, sobre a base metapsicológica do vértice narcísico com o vértice edípico, que permite superar o modelo solipsista. Isso implica abarcar a dimensão genealógica da constituição da subjetividade de Édipo com a configuração edípica dos pais biológicos, Laio e Jocasta, e também dos pais adotivos, Pólipo e Mérope. Aliás, na libertação de Tebas da híbrida

esfinge – embora feminina –, a questão em pauta para Édipo é sobre a identidade.

Em psicanálise é fundamental a história reconstruída como vivência emocional na experiência transferencial e contratransferencial, a verdade psíquica do paciente. Não somos historiadores nem detetives à procura da realidade fatural. Percebemos, quando podemos, a história viva e presente. Melhor dizendo, isso significa como o paciente interpreta, no seu mundo interno, como os pais têm vivido seu nascimento e a representação de ter nascido com determinado sexo corporal.

Desde a perspectiva narcísica, importa permitir a elaboração das mortíferas ilusões onipotentes narcisistas, a quimérica ilusão de ser absolutamente dono do mundo e do destino. Desde a perspectiva edípica, importa a responsabilidade sobre esses desejos inconscientes e sobre as verdades psíquicas. Ninguém é dono absoluto da mente. A questão é pensar se Édipo é o responsável pelo cumprimento de seus desejos quando sua vida inteira nasce e transita pela mentira. Como metáfora, só a psicanálise, talvez a partir da sua adolescência, quando ele procura ao oráculo, lhe tivesse permitido a integração do *self*, do objeto e das emoções percebidas, vivenciadas, até alcançar o sentido, a palavra simbólica, tendo tomado contato com possíveis aproximações à verdade para re-significar a própria vida.

A mentira não é o reprimido, é a recusa da linguagem, o renegado, a recusa da percepção (*verleugnung*). No modelo epistemológico de Bion, a proliferação de mentiras forma uma barreira contra a verdade. A mentira surge na relação parasitária destrutiva entre o pensamento no pensado e o pensador, num vínculo -K, em que ambos perdem significado e vitalidade. A capacidade do ser humano para tolerar verdades é precária porque a verdade é uma fonte permanente de dor a se evitar. Até a morte foi e é negada pela humanidade. A psicanálise, nesse sentido, é alvo de desconfiança, ataques, resistências... Entretanto, a verdade é essencial para o desenvolvimento mental (BION, 1970). Sem verdade o aparelho psíquico morre de inanição. A verdade não é visível, deve ser procurada. Ela pode ser óbvia

ou permanecer velada. Quando escondida, poderia ser considerada inexistente, ou ser objeto de uma ocultação. A verdade oculta é simplesmente invisível, porém encontrável, ou faz-se com que seja invisível porque se quer evitá-la. A questão é distinguir se é desconhecida ou inconfessável. Jocasta, na contramão de Tirésias, tenta fazer passar o insustentável para o olhar como inexistente. Os pensamentos falsos expressam uma restrição inevitável se comparada à verdade original, na sua essência inatingível. O mensageiro de Corinto e o pastor de Tebas como testemunhas oferecem na tragédia uma pista verdadeira, porém parcial, limitada. A falsidade de Laio e Jocasta e dos pais adotantes é diferente do labirinto de mentiras construído pelo “Rei” Édipo. O efeito de verdade não pode sobreviver sem a contrapartida defensiva. A racionalização e/ou o isolamento têm como meta a evitação do desprazer em vez da busca da verdade. Por isso Édipo constrói a novela familiar de Freud invertida (1909). Ele escapa de Corinto pelo caminho de Delfos e escapa das marcas amnésicas inconscientes, aguçadas pela angústia, a cada passo lembrado por Jocasta. Na tragédia, a razão humana, pela confissão das testemunhas, coincide com a palavra inspirada, animada pela razão divina dos oráculos. Édipo escuta do criado uma verdade cruel. Para ser reconhecida, a verdade desvendada precisa ser dita de certa forma. A interpretação psicanalítica conjuga a razão humana necessária, mas não suficiente, com a palavra enigmática, intuitiva, oportuna na musicalidade da linguagem. Ciência e arte, razão e verdade comungam. É o pensamento científico em oposição à mentira.

Édipo, como personagem trágico, comporta os valores essenciais do *Dasein* humano. Para ele, também o incesto e o parricídio são atos abomináveis que não pode evitar porque desconhece a identidade de seus pais biológicos e dos adotivos. Ele é prisioneiro das mentiras, do não-dito, na origem de sua vida. O segredo sobre a legítima filiação, o filicídio, o significado de seu nome – batizado por um pastor de Corinto por ter os pés deformados pelo prego atravessado por Laio ao nascer – o levam a cometer ambos os crimes. No estreito desfiladeiro, segundo Graves (1955), Laio

provoca Édipo ao ordenar tiranicamente sua retirada para abrir passo aos superiores. O filho então replica que só reconhece como superiores aos deuses e aos próprios pais. Na encruzilhada, pai e filho não se reconhecem, apesar da confissão de Jocasta: *“Laio tinha traços teus”*.

O pé é ferido pela segunda vez, a angústia impensável é reacendida num trauma cumulativo em que se repete o filicídio, segredo que marca a identidade do ídolo. O “desconhecimento” sobre a adoção, tema de um trabalho anterior (LISONDO, 1984), o impulsiona a abandonar os pais adotantes em Corinto como prudente proteção após consulta ao oráculo de Delfos. Pólibo e Mérope não exercem a função materna e paterna, não alimentam o filho com a verdade da adoção. Não há julgamento de existência acorde com o princípio de realidade para reencontrar a origem, a filiação.

Na versão de Graves, Laio foi advertido pelo oráculo de que todo filho nascido de Jocasta cometeria necessariamente o parricídio. A punição de Laio se deve ao crime homossexual, que remete à relação do homem com a mulher. Essa é a fonte das desgraças que se abatem sobre a casa dos Cadmos. Por que Laio e Jocasta se casam, ambos conhecedores da sentença oracular? Que relação é essa em que desejo, proibição, condenação, desconfiança, transgressão à palavra oracular se condensam com Thanatos? Os pais são as feras monstruosas do Citeron que abandonam o bebê recém-nascido indesejável com os pés furados para ser devorado. Esses pais só obedecem ao único princípio do prazer, o gozo, recusando a abstinência exigida pelos deuses. Jocasta abafa todos os questionamentos, quer viver só o presente para perpetuar ilimitadamente o prazer incestuoso. Édipo pula do gozo sexual ao gozo da punição, o trágico.

O incesto, nessa leitura do mito, só aparece mais tarde, quando o filho, não por acaso no umbral da adolescência, consulta o oráculo. Ele procura uma resposta sobre o seu destino e silencia as questões em torno de sua origem anunciadas inconscientemente a partir do corpo diferente. Ele toma consciência da não-semelhança com os pais adotivos, e o desespero o leva a consultar o Deus, pai dos pais. Quem sou? De onde venho? Como nasci? Essas perguntas implícitas nas teorias sexuais infantis sistematizadas por

Freud são as preocupações narcisistas silenciadas.

O paradoxo é a dimensão narcísica da configuração edípica. Tanto para pai como para filho há um único espaço psíquico possível. Para que viva Laio, Édipo tem que morrer. A rivalidade narcisista é mortal. Há um único objeto de prazer, Jocasta, no duplo gozo do corpo da mulher pelo marido e pelo filho. Esse é o crime. A ferida narcísica do bebê abandonado o faz percorrer o mesmo sulco que abriu ao nascer no corpo da mulher, só que agora da luz para a escuridão, de fora para dentro. Para o pai com função edípica, a mulher amada e odiada é seu objeto erótico, sua legítima amante, além de ser a mãe dos filhos, co-autora da obra prima. Esse pai permite o projeto exogâmico para o filho. Isso é tolerar que, na diferença geracional, o filho possa ir além da encruzilhada existencial. Nessa triangulação, assimétrica na sua essência pela “lei edípica”, ninguém tem tudo. À diferença da “lei narcisista”, ninguém tem o poder absoluto de governar para sempre o destino do outro.

Laio encarna o pai da horda primitiva (FREUD, 1912, 1913), metáfora do pai narcisista. O parricídio é a resposta do jovem que tem que satisfazer a sexualidade ante a figura mítica do pai primitivo que goza do direito absoluto de possuir todas as mulheres.

Quando Jocasta recebe Édipo no leito nupcial, não o reconhece como filho, nem se reconhece como mãe, nem como viúva, na própria crise da meia idade. Ela não protege o filho do incesto. É a mãe cega que não pode reconhecer em Édipo os traços do pai e a cicatriz, marca de sua identidade. Em sua confusão, o seduz, perpetua o segredo, silencia sua passada relação erótica com Laio. O filho é o duplo narcisista do pai, sem tempo e espaço próprio para ser diferente, ser ele mesmo.

Para Sófocles, a esterilidade de Laio é um castigo pela homossexualidade. Laio decide tiranicamente sobre a vida e morte do filho antes do nascimento, paradigma do pai narcisista que se apropria de seu destino. Para ele, um filho só pode ser um parricida que atrozmente leva no corpo a marca do filicídio.

É a identificação com os objetos edípicos que asseguram ao filho a

função protetora. O superego é o herdeiro do complexo de Édipo. Ele viveu psicologicamente cego antes de se cegar, literalmente, por ter tido pais cegos e surdos às vozes dos antepassados.

Num trabalho anterior, me permiti analisar a tragédia à luz da tragédia da adoção, quando o deterioro mental em compulsiva repetição não permite que se alcance a filiação simbólica (LISONDO, 1992).

Quinodoz (1997) enfatiza a dicotomia possível entre os pais biológicos e os pais adotivos de Édipo, também entre os pais sexuados, odiados, abandonadores, Laio e Jocasta, e os pais protetores, adotivos, amorosos, Pólipo e Mérope, de todos nós. A tendência à dicotomia das imagens parentais é uma tendência inconsciente universal. O mito edípico elucidam minitemas cruciais da adoção, mas que a ela transcende. Essa dicotomia entre afetos, objetos internos e o *self* permite a denegação da existência dos pais biológicos e a rejeição da intolerável cena primária, assim como do complexo de castração. Trata-se da ambivalência ante o complexo edípico e a vivência de solidão e pequenez ante o casal edípico. O superego não pode proteger o bebê Édipo amorosamente. O pai, a mãe e o filho repetem então o ato de abandonar e rejeitar o próprio lugar. A transgressão, na realização do parricídio, e o incesto são posteriores ao filicídio e à história de segredos e mentiras que condenam Édipo à orfandade psíquica. Ele nasceu marcado pelo destino para ser sacrificado.

A Figura 1 (p. 282) representa a instauração, no contexto histórico e cultural, da ordem simbólica com o Nome do Pai e a lei do espaço triangular na situação edípica.

A Figura 2 (p. 282) é uma tentativa de desenhar a falha na triangulação edípica e a prisão da confusa relação dual, narcísica, imaginária do bebê com a mãe.

A SUBJETIVIDADE ORIGINA-SE, ESTRUTURA-SE E CONSTITUI-SE NA INTERSUBJETIVIDADE

A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO

- O bebê nasce entre a natureza – o corpo biológico – e a cultura humana.
- Sua vida virtual é inviável após a cesura do parto. O corte do cordão umbilical o desliga da natureza apenas carnal.
- Este bebê é sujeito a uma rede de vínculos narcisistas que por ele aguardam.
- Ele ingressa numa sociedade como propriedade e proprietário, amo e escravo: S. e O.
- Para compreender a proibição do incesto como geradora do ingresso à cultura, cabe mergulhar nas raízes da relação mãe-bebê, constitutivas do psiquismo humano.
- A separação, a discriminação, o desprendimento surgem de uma matriz fusionada, indiscriminada e unida. A função paterna separa a simbiose original na díade inicial.
- O bebê não pode renunciar a essa mãe e a esse pai. Ele não escolheu nascer de onde nasceu. Ele pertence à espécie irrevogavelmente.
- A filiação é o ninho dos laços intersubjetivos. Há um *continuum* entre indivíduo e sociedade.

Há um *continuum* entre **natureza e cultura**.

- Narciso contém Édipo, e Édipo contém Narciso. É Narciso quem precisa responder em cada encruzilhada os dilemas traçados pelas “crenças” da completude narcisista: a origem, a morte, a diferença dos sexos, a diferença entre gerações.
- Em cada encruzilhada é preciso renunciar aos objetos parentais incestuosos.
- A conquista edípica é a humanização do ser humano. O caminho prévio de Édipo foram os avatares do percurso narcísico.
- A possibilidade de o bebê objetivar um mundo exterior dependerá de que se possa, no objeto, encontrar um Outro. Com o Outro aprenderá a reconhecer os lugares do O. e do S.
- O Outro, os pais, precisam tomar a forma que a fase do desenvolvimento exige.
- Há um tempo preferencial para a perda dos objetos que o ego irá deixando

para posicionar-se em novos deslocamentos.

- Esse tempo está dado em Freud pela anatomia do ser humano, sua particular constituição, as cargas filogenéticas e as influências culturais.
- Esse processo tem um percurso e um término com as perdas dos O. auto-sensuais, incestuosos edípicos mãe-pai.
- O complexo edípico em Freud se “resolve” como a resolução do auto-erotismo, com a culminação das vicissitudes das perdas dos objetos auto-eróticos, com o tempo do desenlace do narcisismo.
- A batalha auto-erótica do “meu-meu” e do “teu-teu” permite brincar de perder e de recuperar a completude, a atemporalidade, o fálico, a bissexualidade.
- Para que o bebê venha a ser sujeito, a mãe o sujeita e a ele se sujeita. A mãe se torna objeto por estar sujeita e então permite que o bebê seja um sujeito.
- O processo de humanização que se inicia na ligação mãe-bebê precisa de tempo para percorrer o que a humanidade demorou séculos para evoluir.

“Eu sou o seio” (Freud, 1938).

Caminho do “amor irrestrito a si mesmo” ao amor do Objeto.

Os pais permitem elaborar os lutos da completude oral, anal, fálica, edípica pelas perdas do seio, fezes, dos objetos incestuosos e oferecem substitutos para as perdas (jogo do carretel).

A sociedade deveria permitir o cumprimento do rol materno e paterno.

Na luta contra a doença mental
E as prevenções precoces

O CASAL permite o diálogo entre o corpo do bebê e o mundo ao estar em contato mental com o filho.

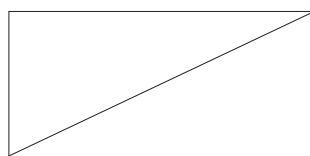
Flexibilidade suficiente para promover o desenvolvimento mental.

A SUBJETIVIDADE ORIGINA-SE, ESTRUTURA-SE E CONSTITUI-SE NA INTERSUBJETIVIDADE

CASAL PARENTAL

- A mãe e o pai são modelos de identificação.
 - O casal, na relação genital complementar (contínente e conteúdo), recíproca, criativa, suficientemente, amorosa e transcendente, constitui, em alteridade, os lugares simbólicos da triangulação edípica. Essa parceria é o primeiro modelo de relação afetiva e de vínculos que oferece uma imagem social de comunidade. Esses lugares simbólicos assimétricos permitem criar a perspectiva, o espaço mental, a projeção temporal para vir a ser.
 - Um EU intérprete é capaz de aprender a pensar, criar, simbolizar, na experiência emocional do bom encontro.
 - O casal discriminado permite a percepção realista da diferença entre os sexos: continente diferente de conteúdo.
 - Na cultura, gestam-se os tabus básicos: parricídio e incesto.
 - As relações de parentesco sustentam o Édipo como estrutura: o conjunto de relações da criança com seus pais (Freud).
 - Superego aparece como desenvolvimento do ego sob a influência da autoridade dos pais.
 - O superego forma-se pelo modelo do superego dos pais.
 - Os pais são o veículo ou mensageiros de uma instância moral superior.
 - O superego está enraizado ao I.D.
 - Antes de resolver o conflito edípico ele tem que ser formado
- O conflito edípico se passa na constituição de três pares:
- a) *Par mãe-filho* – função *rêverie*
Aprendizado dos usos – eixo horizontal da tábua de Bion – Prepara para o crescimento vertical.
 - b) *Par pai-filho* – inclui o crescimento no sentido de eixo vertical da tábua. Aquisição da capacidade semântica. Avance nas estruturas do pensamento abstrato.
 - c) *Formação do par do filho observador e do casal parental combinado.*
Na tábua como modelo seria a hipotenusa do triângulo formado com os dois anteriores. “Marca o crescimento na tábua.”

Par mãe-filho usos



Par pai-filho

Filho que observa a relação virtual entre o pai
Crescimento capacidade de abstração com a mãe

A SUBJETIVIDADE ORIGINA-SE, ESTRUTURA-SE E CONSTITUI-SE NA INTERSUBJETIVIDADE

FUNÇÃO MATERNA

Freud – Lacan e continuadores

- A mãe permite se doar para fazer parte do ego narcísico inicial do filho. Reciprocamente, o bebê faz parte do narcisismo da mãe.
- A mãe é um escudo protetor (Freud, 1920).
- No contexto narcísico, jaz a raiz da intersubjetividade.
- “A sua majestade o bebê” (Freud) rejeita a dor da separação.
- A dor de perder a completude atemporal, a bissexualidade, o falo no auge da onipotência e da onisciência.
- Os pais tecem um projeto identificatório para o filho (P. Aulagnier).
- A mãe, com sua ação específica ao satisfazer as necessidades alimentares, é um objeto anaclítico (Freud):
 - Apoio físico; Escolha objetal apoiada.
 - Modelo.
- Não tomar posse do filho como sendo a sua “propriedade privada” – o seu falo –, na crença de que com ele se completa, no auge da auto-suficiência (Lacan).
- A aliança narcísica do início da vida é transitória. A relação muda é transformada do narcisismo ao socialismo da fusão indiscriminada até a alteridade.

- A mãe cria uma relação narcísica num vínculo endogâmico. A relação incestuosa é insubstituível.
- O ego, o objeto e o auto-erotismo constituem uma unidade.
- A mãe oferece o sorriso diferente do “seio bom” no trabalho de descorporalização (Green).
- O bebê internaliza a “estrutura enquadrante da mãe” – superfície de representação.
- A mãe precisa consentir a separação (Green).
- A “loucura materna” é uma loucura “normal”. É a expressão de toda a onipotência que a mãe tem sobre o bebê.

Pensamento Kleiniano

Posição autista-contígua (Ogden) P.S. P.D. (Ogden integra o pensamento de Bion e Winnicott).

Posição adesiva (E. Bick) P.S. P.D.

- A mãe gesta a experiência de segurança básica ao tolerar e transformar a dependência originária do filho.
- Criar no filho o desejo da maternidade e paternidade na organização genital inicial entre os 6 e 12 meses, com a iniciação do triângulo edípico.
- A mãe estabelece uma relação comensal que se apoia em K (Bion).
- A mãe cria uma “relação de intimidade” (Meltzer) delimitada pela atenção seletiva, isto é, a mãe é um objeto continente (Bion).
- A mãe é capaz de comunicação psíquica com o bebê. O *rêverie*. Ela permite, no encontro mental, a “realização” da pré-concepção (Bion).
- A mãe é um *container* pensante.
- O *rêverie*, conceitualizado por Bion, é um estado mental da mãe capaz de devaneio. É a atitude aberta e receptiva da mãe para acolher qualquer conteúdo do bebê.
- O *rêverie* é uma função do pré-consciente materno (Guignard).
- A função materna é desintoxicante das IP do bebê – capacidade transformadora.
- Conduto vincular da díade.
- Modelo para o aprendizado (Sor-Senet).
- O *rêverie* é um conduto para injetar devoção e paixão.
- A função do *rêverie* abre a Cc. rudimentária do bebê para:
 - o contato humano;
 - o contato com os sentimentos;
 - o contato com os pensamentos.

- O *rêverie* permite acolher os conteúdos do bebê em *AT-ONE-MOMENT*.
 - A função *rêverie* é posta em cena da ação à função alfa da mãe no vínculo com o bebê em uma relação emocional profunda.
- Essa função permite a criação:
- da barreira de contato;
 - do véu da ilusão, véu de conjecturas;
 - A função do *rêverie* abre a Cc. rudimentária do bebê que é sensorial.
 - A parceria mãe-bebê é fonte e matriz do crescimento.
 - A Cc. de si mesmo não é sensorial.
 - Cc. órgão que permite a percepção básica da qualidade psíquica do “si mesmo”.
 - A mãe transmite, ensina e sustenta a função alfa do bebê.
 - Ela inicia a atividade K. da mente e capacita o bebê para a mudança catástrofica.
 - Ensina ao bebê a brincar e criar a tolerância à frustração numa misteriosa alfabetização emocional (Ferro).
 - Ensina à mente do bebê a qualidade onírica.
 - Permite ao filho diferenciar seu sexo e renunciar ao outro.
 - A mãe cria uma relação narcísica num vínculo endogâmico. A relação incestuosa é insubstituível.

O Pensamento de Winnicott

A mãe suficientemente boa e a preocupação materna primária: ambiente facilitador.

- Propicia o estado fusional do bebê com a mãe (narcisismo primário de Freud).
- Garante o sentimento da continuidade do SER do bebê.
- Permite o desenvolvimento do verdadeiro self no interjogo de ilusão e desilusão.
- Permite o viver criativo e o gesto espontâneo, manifestações do verdadeiro *self*.
- Permite a construção do objeto subjetivo.
- O papel de espelho do olhar da mãe. Concordância e harmonia entre o estado interior do bebê e a expressão do olhar da mãe.
- A mãe exerce a função de *holding*.
- A mãe abre as zonas erógenas (Marucco, 1999).

A SUBJETIVIDADE ORIGINA-SE, ESTRUTURA-SE E CONSTITUI-SE
NA INTERSUBJETIVIDADE

FUNÇÃO PATERNA

Pai – PROTEÇÃO

RÊVERIE À MÃE

HOLDING

SER OBJETO DE RIVALIDADE NO TRIÂNGULO EDÍPICO

TRABALHO PSÍQUICO:

- INVESTIMENTO LIBIDINAL AO BEBÊ
- LIMITAÇÃO DA LOUCURA MATERNA
- GARANTIA DE TRANSFORMAÇÃO DA LOUCURA MATERNA
- AFIRMAR A POTÊNCIA FÁLICA NA TRIANGULAÇÃO, ATRAVÉS DO BEBÊ
 - INTERDICÇÃO
 - A DIMENSÃO SUPEREGÓICA DA LEI É FUNDANTE (Lacan/ Dor)
- Importância do pai real (Salas) e simbólico (Dor).
- A presença do pai e seu investimento pulsional em relação ao bebê são fundamentais para a constituição psíquica.
- A função paterna é um falo ordenador.
- O pai separa a simbiose original na díade inicial.
- Propicia a mudança catastrófica para caminhar da dependência até a independência, da fusão até a separação.
- O pai permite elaborar a relação dual e especular da mãe com o bebê.
- Aparece como o terceiro, o Outro da mãe (Green), para separar o bebê da relação incestuosa na origem da vida.
- Diferenciação mãe-bebê: S. O., fusão/separação.
- Proíbe a realização edípica incestuosa. O pai é estruturante da CULTURA, alicerce de todas as diferenciações posteriores (continente e conteúdo), da repressão originária com a autoridade proibidora.
- A função paterna é mediadora da família à cultura . O pai interfere na identificação narcisista onde um se duplica no outro.
- O pai permite outros nascimentos metafóricos a cada cesura que o desenvolvimento exige: desmame, postura ereta, a penetração no mundo, etc.
- O pai, com sua presença, garante a inclusão do filho na fileira das gera-

ções. Garante a transmissão geracional.

Metáfora Paterna:

Nome do pai, acesso à ordem simbólica.

Estruturação das instâncias psíquicas.

1 – Primazia do falo na ordem da cultura.

Na origem, o filho é o desejo do desejo da mãe. Origem das identificações alienantes.

2 – O pai diz para a criança: “não dormirás com tua mãe”.

O pai diz para a mãe: “o filho não é o FALO”.

O pai interdita, proíbe, diz não, coloca os limites necessários para o desenvolvimento mental.

O pai permite o encontro com a lei, o outro do outro.

3 – O pai reinstaura a instância do falo como o desejado pela mãe.

Pai:

– faz suportável a renúncia incestuosa;

– recebe impulsos deslocados da mãe;

– permite o acesso a ambientes mais amplos (Dor).

– Na posição (P.D.) de M. Klein, ele permite a passagem do seio ao pênis (dentição, marcha, linguagem). O pai permite elaborar o processo de luto pela perda do seio. O investimento libidinal do seio se dirige ao pênis na configuração oral.

– O pai faz a aparição na “organização genital primária”. Início da P.D. kleiniana. Triangulação edípica.

– O pai tem uma presença potencial num espaço, também potencial, que introduz a distância para o surgimento da função de Terceiro e da lei.

– Acesso ao simbólico.

– Importância do Pai real na criação de imagens cinéticas e visuais das representações de coisa no INCONSCIENTE (Salas, Maldavsky).

– O Pai é aquele que priva a mãe do falo. O pai renuncia à sua onipotência.

– Pai não é criador da lei, é o REPRESENTANTE.

– Declínio do Complexo Edípico (Lacan).

– A identificação com o pai forma o ideal do ego (Chasseguet-Smirgel, Aragonés).

– A identificação primária com o pai da pré-história pessoal é direta e imediata.

É a forma mais primitiva de ligação afetiva com um Outro (Freud).

– A identificação secundária e a castração “humanizam” o pai e o filho.

- Ambos são homens, eles têm a mesma descendência e pertencem à condição humana.
- Lei: – Parentesco
 - Proibição do incesto: Ligação filial simbólica no SOBRENOME.
- A função paterna, fundante da cultura, permite elaborar a identificação narcisista do filho com a mãe, em que há uma duplicação no outro.
- Ocupação de diferentes lugares. A função paterna garante a “passagem” do três potencial ao três afetivo (Green).
- O pai é fonte de identificação masculina tanto na menina quanto no menino, dada a condição bissexual do ser humano.
- Tanto na heterossexualidade quanto na homossexualidade há uma “fase passivo feminina”.
- A paternidade está ligada ao nascimento da homossexualidade no menino.
- O pai lança o filho à procura do mundo externo, na descoberta do desconhecido, penetração do conhecimento.
- Permite que o filho caminhe do desejo de gestar na fase passivo feminina, identificado com a mãe, ao desejo de fecundar.
- Permite ao filho diferenciar seu sexo e renunciar ao outro.
- Permite a origem materna do rol paterno.

A SUBJETIVIDADE ORIGINA-SE, ESTRUTURA-SE E CONSTITUI-SE NA INTERSUBJETIVIDADE

O DESENVOLVIMENTO DO *SELF* DOS PAIS

- Os pais precisam ter elaborado a situação edípica: diferença de sexos e de gerações.
- Os pais precisam elaborar as mudanças catastróficas na passagem transgeracional até a independência do filho e elaborar os lutos na crise da metade da vida, o devir, o envelhecimento, a morte.
- Os pais precisam ter a capacidade de abandonar o lugar em que a onipotência do filho, pelo desvalimento da condição humana, os tinha colocado.
- Capacidade de aceitar o papel do filho como testemunha das realizações e

das frustrações da vida dos pais no balanço existencial.

- Não abortar nem perpetuar a adolescência.
- Os pais devem elaborar a resistência às mudanças catastróficas que implicam o desenvolvimento do filho, sem exigir que precise ser “um adulto antes da hora”, “um ser clonado”, “uma possessão narcísica”.
- O filho e o OUTRO numa relação de ALTERIDADE.

O FILHO PERMITE A TRANSCENDÊNCIA, A CONTINUIDADE NO TEMPO DA ESPÉCIE HUMANA, A SOBREVIVÊNCIA DO NOME NO CORPO, O SANGUE NO SER DO OUTRO.

Sinopse

De acordo com a psicanálise contemporânea, este trabalho busca acentuar a importância do objeto no seu duplo estatuto, interno e externo, na constituição da subjetividade. A psicosexualidade humana transcende a genitalidade. A história edípica é mítica, uma vez que pode ser interpretada metaforicamente como um sonho da humanidade. A autora se refere destacadamente à configuração edípica. O complexo em Freud e a situação edípica em Melanie Klein são brevemente abordados como o pano de fundo que permite delinear e sustentar as funções materna e paterna; as funções do casal parental e o sentido de um filho em uma relação *suficientemente boa*. A sexualidade humana pode oscilar como realidade última e criação sublime transcendente ou como perturbação psíquica geradora da destruição desesperada. O complexo, a situação e a configuração edípica serão abordados para dar os alicerces metapsicológicos às funções desenvolvidas nos quadros apresentados.

Summary

Subjectivity is Built on Intersubjectivity

According to contemporary psychoanalysis, I would like to emphasise the importance of the object, both internal and external, to build subjectivity. Human psychosexuality transcends genitality. Oedipal history is mythical; it can be metaphorically interpreted as humankind's dream. At this point, I wish to highlight oedipal configuration. The complex in Freud and the oedipal situation in Melanie Klein are shortly approached as the background that allows outlining and sustaining

the maternal and paternal functions; the parents' function and the meaning of a child in a *sufficiently good* relationship. Human sexuality may oscillate as an ultimate reality and transcendent creation or as a psychical alteration that generates desperate destruction. The complex, the situation, and the oedipal configuration will be approached to provide the metapsychological foundations for the functions developed in these cases.

Sinopsis

La Subjetividad se Construye en la Intersubjetividad

De acuerdo con el psicoanálisis contemporáneo, quiero acentuar la importancia del objeto en su doble estatuto, interno y externo, en la constitución de la subjetividad. La psicosexualidad humana trasciende la genitalidad. La historia edípica es mítica, ella puede ser interpretada, metafóricamente, como un sueño de la humanidad. Aquí, deseo referirme en destaque a la configuración edípica. El complejo en Freud y la situación edípica en Melanie Klein se abordan brevemente como el paño de fondo que permite delinear y sostener las funciones materna y paterna; las funciones de la pareja parental y el sentido de un hijo en una relación *suficientemente buena*. La sexualidad humana puede oscilar como realidad última y creación sublime trascendente o como perturbación psíquica que genera la destrucción desesperada. El complejo, la situación y la configuración edípica se abordarán para dar los cimientos metapsicológicos a las funciones desarrolladas en los cuadros.

Palavras-chave

Função paterna. Função materna. Configuração edípica. Subjetividade. Intersubjetividade.

Key-words

Paternal function. Maternal function. Oedipal configuration. Subjectivity. Intersubjectivity.

Palabras-llave

Función paterna. Función materna. Configuración edípica. Subjetividad. Intersubjetividad.

Referências

- BIANCHEDI, E.; ANTAR, R.; BIANCHEDI, M. et al. Pre-natales/post-natales: la personalidad total: memoria del futuro/futuro del psicoanálisis. In: _____. **Bion: conocido/desconocido**. Buenos Aires: Lugar Editorial, 1999.
- BION, W. (1966). **Elementos de psicoanálisis**. Buenos Aires: Hormé, 1966.
- _____. (1970). **Attention and interpretation**. London: Tavistock, 1970.
- _____. (1975). **Volviendo a pensar**. Buenos Aires: Paidós, 1975.
- _____. (1977). **Aprendiendo de la experiencia**. Buenos Aires: Paidós, 1977.
- BRITTON, R. O elo perdido: a sexualidade no complexo de Édipo. In: _____. **O complexo de Édipo hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- CAPER, R. Tendo uma mente própria. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 31, n. 2, p. 463-479, 1997.
- FAIMBERG, H. El mito de Edipo revisitado. In: KAËS, R. et al. **Trasmisión de la vida psíquica entre generaciones**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.
- FELDMAN, M. O complexo de Édipo: manifestações no mundo interno e na situação terapêutica. In: **O complexo de Édipo hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- _____. (1909). Análisis de la fobia en un niño de cinco años y e El aparato psíquico y el mundo exterior. In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1983. V.X.
- _____. (1912). Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa (Contribuciones a la psicología del amor, II). In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1974. V.XI.
- _____. (1913). Tótem y tabú: algunas concordancias en la vida anímica de los salvajes y de los neuróticos. In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1980. v. 13.
- GUIGNARD, F. **A interpretação das configurações edipianas na análise de crianças**. Texto apresentado em seminário temático na SBPSP. São Paulo, ago. 1999.
- LISONDO, A. Quando a adoção leva a marca da esterilidade dos pais. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, n. 35, 1984.
- _____. A reinterpretação da tragédia de Édipo à luz da adoção e dos estados primitivos do desenvolvimento do psiquismo humano. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 26, n. 4, 1992.

SEGAL, H. Introdução. In: _____. **O complexo de Édipo hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

Artigo

Copyright © *Psicanálise* – Revista da SBPdePA

Lic. Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

(C) Rua José Morano, 313 – Parque Nova Campinas
13095-450 – Campinas – SP – Brasil
Fone/fax: (0xx19) 3251-5059
E-mail: alicia.lisondo@uol.com.br